

ALBUM

do Premio Literario "Frei Miguelinho"

DIRECTOR
Americo Lopes

SECRETARIO
Alcibiades Lisboa

GERENTE
Hildebrando Barros

Anno I — Natal, 17 de Agosto de 1902 — Num. 3

PROSPECTO

O ALBUM terá publicado duas vezes por mez e assignar-se-ha a 15000 por trimestre, pagos adeantadamente.

REDACÇÃO E OFFICINAS:
Rua Voluntarios da Patria n. 1

ALBUM

Obedecendo ao plano que traçamos quando resolvemos dar á publicidade este periodico, jamais serão outros os nossos intuitos senão seguirmos estritamente o nosso programma—trabalhar o quanto permitirem nossas diminutas forças, pela elevação do nivel intellectual do nossa terra—e firmados neste apophthegma, esperamos que, aquelles que como nós empunham as mesmas armas, batem-se pela mesma causa, sentem-se possuidores das mesmas ideias, cooperem connosco, proporcionando-nos assim mais animo para continuarmos a construcção do edificio cujas bases já lançamos.

Modestos, mas incansantes propagadores dos nobres empreendimentos, contamos com o apoio incondicional de todos aquelles que percebem a grandeza da causa pela qual nos empenhamos, e convictos estamos de que não será o indifferentismo, a recompensa de nossos esforços e sacrificios, e logo nos levará avante.

Muito longe, muito mais longe já estivemos de chegar ao fim a que nos destinamos. Hoje que já transpuzemos os primeiros e mais difficis barrancos; que já vencemos os maiores obstaculos; que finalmente achamo-nos collocados n'um terreno menos accidentado e por consequencia mais proprio para proseguirmos na luta em que nos empenhamos, jamais devemos retroceder um passo abandonando o terreno conquistado á custa de não poucos sacrificios. *poi: é fraqueza desistir da obra começada*, dizia um grande poeta.

Firmes e resolutos em nosso posto estaremos: empre promptos á dar combate a qualquer impedicio que separarmos em nosso tirocinio e que tenha por objecto perturbar nossa marcha.

Aplicação ao estudo, amor ás letras e ao trabalho é o principio em que nos apoiamos.

Deixemos por um momento esse marasmo e inactividade proprios do brasileiro e applicuemo-nos mais á cultura intellectual, que, quando surgir-nos radiosa a aurora do futuro nos indicando a larga estrada do progresso, então é que comprehendemos quanto valeu este sacrificio a que hoje, voluntariamente nos submettemos.

Já que o nosso fraco é imitar aos outros povos, especialmente do antigo continente, imitemos-os, mas imitemos-os nos grandes empreendimentos, no desenvolvimento intellectual, no amor pelas letras, pelas artes, na actividade, nos grandes acommettimentos a final.

O sacrificio é o caminho da gloria, a perseverança a estrada segura que nos conduz a ella.

Luctemos pois, certos de que, mais cedo ou mais tarde teremos de erguermo-nos victoriosos emboçando a trombeta alvicaireira do triumpho!

Que nos importa o sarcasmo, os motejos, as injurias que por ventura nos jogarem o despeito e o egoismo dos que não comprehendem as sublimes aspirações?

Nada com certeza nos abalará nem nos desviará do nosso itinerario.

Sem o sacrificio não chega-se á gloria, repetimos, e como exemplo citamos aqui os nomes immortaes de alguns dos que melhor euboraram trabalhar e supportar as peripicias do destino, para logarem as gerações posteriores os mais importantes conhecimentos, são: — Homero, Eschilo e Sophocles, sem os quaes não conheceriamos a poesia; Hippocrates, que trouxe-nos lenitivos aos sofrimentos physicos, Hipparco, a quem devemos os conhecimentos astronomicos, Euclides, Eratosthenes, Herodoto, que nos logaram os conhecimentos geometricos, Geographicos e a Historia Universal e todos estes luminares que ainda hoje admiramos, vêm-nos da antiguidade; mas naquellas remotas epochas já sentia-se amor pelas letras, e pelas bellas artes, já sentia-se a necessidade do progresso, em summa já se cultivava o espirito.

Nós que vivemos em pleno seculo vinte, no seculo das luzes não devemos ficar a retaguarda dos que viveram ha mais de vinte seculos! E portanto avante, coragem e venceremos tudo.

ESPOLIAÇÃO

Afastando-me, embora alguma cousa, do programma que seguimos, começo por pedir desculpa desta excepção que faço, mais como o assumpto de que vou occupar-me parece-me de interesse, ou em melhor expressao de proprio geral; isto é, para nós, Rio-Grandenses do Norte, espero não incorrer em grave falta.

Trata-se da secular questão de limites entre este e o vizinho Estado do Ceará.

Esta questão data de muitos annos, de seculos, desde o Brazil colonial, vem de muito longe, e é que sabemos e que ella foi sempre semelhante á uma febre intermitente; que de tempos em tempos ataca um paciente, depauperando-lhe o organismo, diminuindo-lhe a vitalidade, diffinhando-o e consumindo-o pouco a pouco, tomando maiores incrementos cada vez que manifesta-se, até que um dia exhausto de forças o desventurado tomba para não mais se erguer, cedendo á força superior que lhe atrophiava... E' o que acabamos de observar na questão de limites do nosso com o Estado do Ceará, que havia muitos annos agitava-se de tempos a tempos, mas sempre chegando a accordo entre si ou por intermedio do Supremo Tribunal. O anno passado, porém, a questão tomou maiores proporções e chegou ao auge.

Qual não foi a nossa surpresa ao termos noticia que o Ceará levava a termo e Villa dos Grossos, tomara posse d'aquelle territorio que considerava o nosso! Qual a attitude a tomarmos? Protestar não podia ser outra, que effectivamente fizemos.

E não ficou só nisto, a questão foi levada ao Congresso Nacional pelas respectivas representações dos Estados litigantes e d'ahi passou ás mãos d'uma Commissão arbitraria para ser resolvida, esta por sua vez não pode resolvê-la por ter havido empate de pareceres e então passou ás mãos de um juiz arbitral e agora só de um homem depende a felicidade ou a miseria de um Estado!

Perguntamos nós, qual o homeru aquem se confiou uma tão importante questão?

Sem dúvida a um desses de rija tempera, imparcial, de caracter impolluto criterioso e recto que não se deixará conduzir por conveniencias ou interesses que o façam pender para um dos lados abrindo mãos á justiça con-

que deve agir. Completa ilusão, manifesto engano! Mau grado nosso vimos nomeado para decidir uma questão desta natureza, um ex-presidente da antiga provincia do Ceará, o sr. conselheiro Lafayette, que sem duvida ainda guarda velhas recordações do povo cearense. dos bons tempos que conviveu com elle e agora offerece-se a occasião para retribuir-lhe essa gratidão, que custou-nos uma boa parte do nosso territorio, não obstante possuímos innumerous documentos!

E hoje acha-se resolvida a secular questão. Em audiência do 24 do preterito o sr. conselheiro leu o laudo de empattador perante as partes interessadas, decidindo em favor do Ceará, dando razão a este porque... é maior, dispõe de melhores elementos, tem maiores cofres para arrecadação, etc... e de mais é provavel que S.S. alimente ideas monarchicas e se um dia restaurar-se esta, talvez que o Ceará ainda precise d'um presidente e então...

Agora que vemos o nosso pequeno Estado, baldo de recursos cahir exanime nas garras de seu voraz *caçoma*, nada mais nos resta senão protestarmos contra um tal procedimento e appellarmos para outro tribunal, se é que nos facultam este direito!

6-8-1902

Paulo de TABSO

Serpiscacia

Lauro e Omar eram duas crianças invejavelmente nidas e admiravelmente lindas.

Logo aos 12 annos, convencidos da perfeição incontestavel dos seus traços physicos, atiraram-se com excessiva bravura ás lactas que dou-ravam os sonhos gloriosos do deus Cupido,

Um dia disse Lauro a Omar:—Temos feito escavações bem notaveis no terreno que exploramos; entretanto, não sabemos qual de nós é o mais activo, qual o mais fino.

—Pois bem, disse Omar, d'ora avante, para que essa duvida chegue a luz da evidencia, proponho que aos nossos 35 annos, no maximo, tenhamos de exhibir uma prova suprema das nossas façanhas, que, julgadas sob a sinceridade da amizade que nos prende possam demonstrar a duvida que padecemos.

Dois mezes depois, Lauro teve que partir para Paris, afim de melhor tratar do desempenho do seu ideal.

Decorrerão-se os tempos, até que afinal, estava bem proxima a epocha convenconada para o julgamento de tão fervorosa questão.

Não obstante a prespicacia e actividade de Lauro, todos os productos

dos seus esforços eram pouco bastantes para que elle chegasse a convicção absoluta de sua victoria.

Estavam esgotados todos os meios, e a sua derrota era quasi que inevitavel. Um bello dia recebe o seguinte cartão de um amigo:

«Lauro:

«Sendo este o dia q' encerra mais um natalicio de minha querida irmã, conto com o teu comparecimento em nossa casa, hoje a noite. Entre todos os planos de diversões que organiso, destaca-se a dança, de quo, fora de duvida, és denodado apreciador. «Teu

F...

Após a leitura do cartão, Lauro, com a resolução fixa de attender ao convite do seu amigo, começou a escovar seu querido *smoking*, convicto de que este trabalho bem poderia ser compensado com uma conquista que podese importar a sua gloria.

Chega afinal o momento desejado. Um eximio pianista maneja teus, subtilissimos dedos por sobre o alvissimo teclado, avisando a todos os convivas que ia começar a execução de uma linda *Pas de quatre*.

Lauro, todo garboso, dirige-se a uma senhorita de belleza rara, e, com as palavras que compõem a *chapa* que gyra em todos os salões, manifestalhe seu desejo pela concessão d'aquella *schottisch*, ao que foi amavelmente attendido.

Terminada aquella festa, Lauro, sem forças para receber indifferente-mente as dulcissimas ideas accumuladas em seu coração; acobardado deante a recordação esmagadora d'aquelle todo *sans reproche*, sem mais preambulos, aguardo o amanhecer d'aquelle dia, e faz o seu pedido de casamento, tendo sido satisfactoriamente acolhido pelos progenitores de sua deusa.

Dois mezes depois realisa seu casamento, e dirige a seguinte carta a Omar:

«Sei que muito tens conseguido com a tua excepcional actividade; entretanto, julgo-me senhor de uma victoria.

«Eis a prova conclusiva do meu triumpho:

Muito embora depois de um periodo de martyrios e disabores, cheguei ao fim desejado:—casei-me com uma jovem de rarissima belleza e de invejavel fortuna:—O que mais se pode desejar?

Omar recebendo a carta do seu amigo, responde:

«Lauro

«Intelramente sciente de tua suposta victoria, permite-me que deixe aqui fixadas estas quatro palavras:

—Si a tua gloria repousa no occação opulento da fortuna, a minha embala-se no sacrosanto berço da liberdade; ainda estou solteiro; será ou não uma victoria?»

BLANCHOU

BEMDITOS

*Oh benditos aquelles que as formosas
Crenças conservam da primeira idade;
Aquelles para quem de frescas rosas
Inda se enflora a verde Mocidade!*

*Benditos estes para quem a vida
Tem os rubros fulgores das auroras
E que sentem vibrar n'alma incendiada
Um as canções alegres e sonoras!*

*Benditos os que vivem de esperanças,
E que vogam n'um mar todo bonanças
Guiados pelo Amor, que è o seu pharol.*

*Para estes a vida é larga estrada
Verdejante, risonha, illuminada
Pelos loiros clarões d'um bello sol!*

ANNA NOGUEIRA BAPTISTA



Coração de noivo

(Ao Antenor Vasques)

Não é uma historia simplesmente, o que vou narrar-te, não; não é uma dessas phantasias azues que engendram os cerebros dos poetas a narração presente.

É uma revelação importantissima que te faço: uma *corrigena hortícola* que, não obstante se parecer com um d'esses contos da Eidade medieval é perfeitamente verosimil e chamo para elle a tua attenção de horticultor *sui generis*.

Essa flor a qual concedes os mais brandos carinhos de tua aturada paciencia e que è o mais bello ornato de teu alcantilado jardim; essa flor pomposa e odorifera de q' tu falas com a ufania d'um botanico ao adquevir um novo arbusto ainda não classificado, a pallida—*La France*, emfim, foi barbaramente e sacrillegamente roubada no que nella havia de mais symbolico e de bello.

Tiraste-lhe o seu verdadeiro nome, nome poetico e recordativo, nome condigno de sua belleza, para lhe applicares um nome rispido e sem significação alguma como é o de—*La France*...

Sei bem que não foste o auctor de tal monstruosidade; porem adheriste, e isto equivale a ser.

Lê, pois, esta triste pagina e vê como è bello a historia d'essa flor mimosa e como lhe corresponde bem o nome de—*Coração de noivo*—o seu primeiro nome, o seu verdadeiro nome...

E para que tu não penses ser uma

d'essas phantasias azues que engendram os cerebros dos poetas, dir-tei ser isto a copia fiel de um alfarabio crivado por lepismas, encontrado uma noite de insomnia em um archivo em ruinas.

Noute cerrada! O firmamento abre uma extensa vesga de seu ceruleo véo, mostrando um vasto caminho recamado de prata. E' a Via-Lactea, essa luminosidade de beijos virgens a tremeluzir no espaço...

Noute para tudo, menos para quem ama...

Uma gelosia descerria-se o um beijo saúda a escuridão.

A' um reflexo de luz segue-se a apparição de um vulto o uma harpa eolla de beijos entôa o hymno do amor...

—Angela?!...

—Iriél?!...

E os deus, como surprehendidos pela voz de uma estrela ciumenta, olham-se apavoridos com os labios tremulos de gôso, a consultar á Noute—rae protectora e carinhosa dos namorados.

E depois de um prolongado silencio:

—Angela, se tu deixaste de me amar?!

—Por quem és, Iriél! Não vês que por ti arrisco-me á tudo? Não vês que deixei os fôfos coxins adamascados de minha alcova por teus braços; que despresei o calor dos estôfos do meu elegante *boudoir* pelo fogo de teus beijos; que percorri estes compridos e zombrios corredores para vir ter contigo?! E os meus pobres pais que veem em mim um anjo, em mim, que sou para elles a aurora de sua vida, o que não fariam se me vissem aqui arrastando pela lama a sua honra; e...

Não ponde proseguir; o pranto suffocou-a: cada perola que ameaçava rolar de seus olhos era absorvida pelo estalar de um beijo.

—Perdôa-me... o amor enlouquece-me... Tomava-te por uma mulher e temia que errasses; vejo agora que és mais do que anjo... Vamos, enxuga estas lagrimas puras e partamos.

—Mas...

—Ah! tu és nobre e eu sou um paria da sorte; tu ostentas um nome encimado de heraldicas corôas, pisas em fôfas tapeçarias do um solar de fidalgos, e eu, e eu não tenho brasões que me engrandeçam. De estirpe obscura, tenho simplesmente uma espada que me nobilita. Oh! sociedade estúpida!...

—Iriél, são os duros embates da sorte que poem em evidencia a cencia do amor.

Eu amo-to, vives em meu coração, como pode os preconceitos da sociedade, o porpassar dos annos arrancarte de ahí sem que eu morra?!

—Estrellas, confidentes que sois dos namorados, sondai-me a alma e respondei por mim; auras que atiaes o incendio nos corações apixonados, falae por mim...

Angela, acabo de ouvir de tua propria bocca as promessas de um eterno amor: n'estas palavras encerraste o meu futuro.

Parto amanhã para bem longe d'aqui á chamado urgente do General X... Vou adquerir um nome digno de hombrar-se com o teu.

No calor das batalhas, no ribubar dos canhões evocarei sempre a tua lembrança e tudo mo respeitara. Depois de nobre, subirei de frente erguida as opulentas escadarias do solar de teus pais e dir-lhe-ei, então:—Sr. tenho um nome illustrado por brilhantes feitos; em campo azul ostenta-se um brazão de perolas e de rubis; são as minhas armas; em meu sumptuoso palacio folga o Rei-Milhão; vós tendes em casa uma fada que me deu tudo isto; eu amo-a e ella mo corresponde. Eu quero a mão de vossa filha.

Que de alegrias não encerra este dia...

Bebamos o amaro calice da separação que assim é preciso para nossa felicidade.

Adeus...

Ao som de um grito succedou-se o baque de um corpo ao mesmo tempo que a lua rompendo as plumbeas nuvens lambia as pégadas de um vulto que fugia.

(Continua)

PAULO DA SILVA

NOITE

Qual rosa que fenece,

O sol desaparece

Pelo horizonte.

Se perde junto á serra,

Iluminando a terra,

Depois o monie.

E da noite ao chegar

Já não se vê cantar

O passarinho.

A trova ou escuridão,

Do céu até o chão

Toma o caminho.

Agora chega a briza,

Por entre o ar desliza,

Bem ligeira.

E ella vem tão calma

Que nem agita a palma

Da palmeira.

Mas que tristeza atroz

Não tem do mocho a voz

Na escuridão!

O' noite! noite escura,

Tu és a imagem pura

Da solidão!

Cyro TAVARES

A Crença

(A' minha querida prima
ra Araujo)

Dizem os sábios da moderna era
Ser nossa crença—louca phant
Porem não sabem quanta delicia
E nos fuita e consola a *vã chimerá*

Elles, coitados! vão sentindo n'alu
A dor profunda, a dor q'os vac minam
Que á vil materia vão tornar; pensando
Vê-se dos rostos lhes fugir a calma.

E nós, as crentes, para tudo olhamos
Não tememos a morte até zombam
D'esta sciencia q'elles chamam—Luz

Oh! sublime illusão sede benedicta.
Oh! mea Deus permitti q'eu tenha a
(dita)

De morrer abraçada a vossa Cruz!

Assu-2-8-1902

A. Macedo

Esse, a filha dos campos

A primavera desabrocha suas petalas
rubentes em uma manhã de Setembro.

E Esse—a mimosa filha dos campos,
atruhiua pelas vibrações suaves
das symphonias matutinas e affagada
pelos doces beijos de Apollo, ergue-se
de seu pequenino berço de affectos
e de ternuras—o periantho das flores,
e contempla a vastidão d'aquelle mar
de chlorophylla que lhe serve de domicilio.

Repentinamente, o templo de Flora
transformado em um espectáculo verdadeiramente bello e maravilhosamente sublime vem render as mais esplendorosas homenagens quotidianas á sua imagem risonha pura e virginal. Em cada flor desenha-se a alegria; de cada corolla desprendem-se risos.

Naquelle momento reverente seus olhitos, negros como a negrura da Noite divulgam pela amplidão a fora dos vultos. Animada por uma força estranha dirige-se para elles rapidamente e interroga-os nestos ternos:—

—O que procuraes, amigos?

—Um abrigo.

—Queris habitar neste manancial de esperanças, afim de terdes um limito ao meu profundissimo isolamento?

—Sim, respondem humildemente os desconhecidos—o beija-flor e a borboleta.

Os dias para aquellas trez alminhas, cheias de uma fraternidade extremamente mellifua, passavam-sé felizes como as moigas promessas do porvir

risonhos como os doces sorrisos da innocencia.

Uma bella tarde, seduzidos pelos aromas saudaveis da briza manea que de leve os ~~havia~~ saem á percorrer aquella immensidade grandiosamente verdejante.

Effio vò desaparecer seus irmãos em um ligeiro movimento de azas e parte tambem n'aquella direcção; infelizmente, porém, a debilidade apodera-se de seus musculos e a melancolia de seu coração.

E ao inundar uma tempestade de lagrimas a alvara de seu singelo e sensível semblante ouviu estas palavras ternas partirem dos labios de um anjo:—

—Por quem choras, filha dos campos?

—Pelo desaparecimento de meus irmãos.

E envolvendo-a no serdãl sacrosanto da Pureza—desapparece...

Que horrivel catastrophe não foi para o beija-flor e a borboleta ao encontrarem vago o ninho fraternal!

Afogados pelo desespero partem...

Aquella, em cada corolla julga sempre encontrar o corpinho tenno de sua irmã, e esta, em cada graminha o seu vestigio.

VALENTIM DE SÁ

SUR LA TABLE

Revista de Lisboa:—Dirigida pelo notavel escriptor portuguez Oscar Lual, esta publicação mensal encerra tudo quanto exigem os bons escriptos modernos e a moderna arte typographica. Deoilo Carneiro, Theophilo Braga, A. Gallia, Gomes Leal, Coelho Netto, A. Moderno, são os collaboradores

da *Revista de Lisboa*, o que faz com que se colloque-a entre as primeiras publicações no seu genero.

A *Tribuna*:—Pondo de parte as incorrecções typographicas, (macaco não olha...) a *Revista do Congresso Litterario* parece querer imitar a muitos jornaesinhos da actualidade!...

Srs. Sienkiewich e M. Amalia quem os chamou?!... Quem?! Cedam o lugar aos Epicuro, aos Gil Pimpão aos E. Worms...

E vós sr. Mario, o chronista, se não quizerdes que o ALBUM tenha as suas *lyras de Caylão* e as suas *penumbrias terribias*, deí-as ao menos que Mont'Alverne tenha os seus *elhos magros*, se é que elle não os tivesse cegos.

Que isto sirva ao menos para encher a *beiriga* da vossa chronica (salvo seja!...)

Tribuna Operaria,—*Os Novos*,—*A Imprensa*,—*A Gazetinha*,—*O Mosso-roense*,—*O Debate*,—*O Holophote e A Cidade*:—Permutaremos.

Mysticismo

A Francisco Barroca

Qual centelha d'um sol puro e brilhante
Se esparga o teu olhar no meu olhar,
E minh'alma palpita inebriante
Qual franziño batel em tredo mar.

E se cantas, querida, em franca voz
Um pedço d'um trecho mozartino,
Eu supponho escutar de rouxinoes,
Em sublimo manhá, saudoso hymno.

Descortina-se n'alma o meu futuro,
Todo cheio de amor tão bello e puro
Como um cortejo de vestaes cantando!

E com a sombra de triste mancenilha
Vão-se afastando os tristes sonhos, filha,
A propheçã que vaes te approximando...

J. Galvão

escaudadas os delos macilentos da morte,
e as vezes fitava nolla uns olhares
que desprendiam secontelhas!...

—Tenho ouvido dizer que os anjos,
as fadas falam e as mulheres têm
ambigões.

Dovem ser bem nobres as tuas: diz,
que eu quero cumpril as, embora com
sacrificios; não é o ouro que te seduz
bem o sel; o coração comprado é
bello um dia, si se despresa, é como um
traste luxuoso que passou da moda.

Talvez invejes para tua frente a
corõa de louros talhada pelas canções
do poeta; talvez invejes a fama
de Leonor, de Beatriz o de Laura;
que tem isto?!...

Dantes sem sua amante apenas seria
um soldado proscripto, Tasso um
louco, Petrarcha cousa nenhuma,

Eu não sou poeta, mas hei de selo;
sentar-me-hei á margem soer-
guida de um rio, arremedareis o fre-
mito da vaga quebrando o silencio

LOUÇO

Ao tio e amigo Dr. José Correia

Por milhares de transes compungido
E cruéis desventuras dominado,
Seu coração do mundo já vencido,
E' pelo mesmo mundo abandonado.

Traz no peito de angustias dolorido
Um turbilhão de ideias do passado,
Misero—sente o coração ferido
Pela dor que a sofrer foi condemnado.

Quantas vezes, sorrindo, quantas vezes,
Elle sorveu a taça da amargura
Ató as suas derradeiras fezes!

Saudoso pranto de seus olhos corra
E na prisão sinistramente escura,
Tomba convulso e gargalhando morre.

João SOARES

SONETO

A meu amigo e collega
João Soares.

E' a vida nno contraste: á par das flou-
(res,

Onde a selva do amor freme e palpita,
Veni no calx amargo da desdita,
O veno cruel dos diasabõres,

Os sorrisos gentis da adolescencia
Em nevadas torrentes, multicores,
Desfazem-se ao sol nos resplendores,
O sacro amor, o viço, e a essencia.

Aureola-se a haste á melga rosa,
A' luz succede a noite tormentosa,
E após a bella frente a dura frangoa

Desfizeram-se, assim, meus louros so-
Sinceros, idéas puros, risinhos (nhos,
Legando-me a tristeza, a dôr e a nu-
(goa.

Cyrilino PIMENTA

A Fada do Mystério

(3) (CONTINUAÇÃO)

--Nunca amaste? pois ouvi:

O amor é um ralo puro d'essa circumferencia de luz que tem seu centro em Deus; é uma cadeia de sensações indefiníveis que, partindo do cóo, estreita duas almas na terra; é o crysol onde se confundem os desejos do dons seros em um só al; é uma harpa de som mysterioso tangida pelos anjos, e só comprehendida por duas almas irmãs; é a musica suave do coração. Este é o amor perfumado pela esperanza; o outro amor que se sente, e não se inspira, é o supplicio de Tantaló, um abyenio que não tem fundo, um mar que não tem calma, uma agonia que não tem termo.

Pobre moço! Aportava em suas mãos

da meia noite, pedirei ás arvores os
seus mysterios quando sombroando
as pardacentas brumas do crepusculo,
ouvirei os segredos da lua quando
desmaiando as frentes calvas d's
montanhas, a noite me dará o seu
manto marchetado de ouro, a flor seu
matiz, o zephiro seus soluços, a alvorada
suas cores; de tudo isto te tecerei
uma grinalda, te entoarei um
hymno que te repita incessantemente
—eu te amo!

E elle já não podia mais, encostou
a cabeça em uma de suas mãos,
balbucou uma palavra que se ouviu,
quis respirar e não pôde. Subitamente
levantou a frente como acordado por
alguma idéa que lho fuzilou no espirito.

—Talvez ames a outrem! E' bem
provavel; mas não importa.

(Continua)

IMP. NAS OFFICINAS DO ALBUM